

## PÓS-COLONIALISMO E COLONIZAÇÃO INTERNA

Luiz Carlos Moreira da Rocha  
Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ; Visiting Scholar na New York University;  
Ensaísta, membro da ABRALIC e da SBPC;  
Professor de literaturas Inglesa e Americana na Unipac – MG.

A teoria pós-colonial é uma corrente surgida nos últimos anos nos departamentos de Inglês das principais universidades anglo-americanas e que faz coro com outros segmentos, como a nova história e o feminismo, no que tange ao questionamento dos cânones historiográficos, literários e culturais, de um modo geral.

A publicação de *Orientalism*, de Edward Said em 1978, marca o início dos estudos pós-coloniais e nos remete a uma série de questões de mais alta importância para o mundo da cultura. *Orientalism* questiona a visão eurocêntrica a respeito do Oriente e de sua cultura, visto que esta foi calcada numa visão estereotipada, que tinha a cultura européia como modelo de civilização organizada e desenvolvida. Portanto, os não-europeus seriam, naquela visão, bárbaros.

Said nos mostra como a visão eurocêntrica sobre o Oriente é uma visão construída, uma prática discursiva calcada em dicotomias excludentes e que se apoiava na dominação européia sobre o Oriente, e por consequência, sobre o resto do mundo.

Prescindindo de mais obras de peso para a consolidação do pós-colonialismo no meio acadêmico, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin organizam e publicam *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literature* em 1989 e preenchem a lacuna que faltava.

Desta forma, a teoria pós-colonial propõe a descentralização histórica, a emergência de vozes antes silenciadas e a marcação de posição por parte da cultura local, entre outras reivindicações, as quais colocam este segmento teórico em sintonia com a nova

história, com as teorias pós-modernas e com o feminismo na busca de uma nova ordem cultural, onde a presença daquele(a) que traz a marca de o Outro seja uma constante nas práticas e trocas culturais.

Hoje em dia o termo “pós-colonial” estendeu de tal modo sua área semântica, que tem sido freqüentemente usado para referir-se a todo contexto onde se verifica a relação entre dominador e dominado. Neste sentido, ele tem sido conscientemente empregado com referência a regiões diversas de uma mesma nação, onde há a subordinação de uma a outra. É o caso da relação entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, a qual é retratada tanto nos romances e contos de William Faulkner quanto nos estudos sobre a vida e a obra do escritor mississipiano.

Como se sabe, a obra faulkneriana está eivada de questões pertinentes à raça, gênero e classe. Estes filamentos temáticos se fazem presentes em *The Sound And The Fury*. Porém, os conflitos internos de classe são nesta obra, na visão de Myra Jehlen, o problema principal. Em suas palavras:

“the reigning problematic in Faulkner’s account of Southern Antebellum history is the internal class conflict between two sectors of white agrarian society - the lordly, cavalier plantation versus the jeffersonian, homesteading, working-class peasantry” (1994, 96).

No entanto, em que medida uma teoria pós-colonial poderia ajudar na compreensão de uma questão cultural interna de um país? (aqui no caso, os Estados Unidos do século XIX aos anos 30 do século XX). E que questão seria essa, senão a dominação interna dos *yankees* sobre o Velho Sul? - Aqui, somos obrigados a convidar Anne McClintock a nos expor um conceito acerca da dominação interna. Em seu ensaio “*The Angels of Progress: Pitfalls of The Term Post-Colonialism*”, ela pondera: “Internal colonization

occurs where the dominant part of a country treats a group or a region as it might be a foreign colony” (1994, 295).

Essa dominação se implanta a partir da vitória dos *yankees* do Norte contra os confederados do Sul na Guerra Civil de 1861 a 1865. Com o fim da guerra e o início do período da *Reconstruction*, o Sul passa a ser povoado também por oportunistas do Norte que tiravam proveito do caos reinante na região; eles eram os *carpet-baggers*. Mas, uma das maiores conseqüências da Guerra Civil foi a desestruturação da velha ordem estabelecida no Sul e a necessidade de se começar tudo de novo a partir das cinzas e dos escombros em que se transformaram cidades e campos sulistas.

Todavia, no caso da categoria raça, um dos fatos mais marcantes da história afro-americana no Sul dos Estados Unidos veio a ocorrer nas primeiras décadas do século XX e ficou conhecido como *The Great Migration*. Uma das causas primevas da *Great Migration*, que começou em 1915, foi a rápida expansão da indústria de guerra. Como o Norte sempre foi mais industrializado que o Sul, as indústrias bélicas estabelecidas acima de Mason & Dixon atraíram massas de trabalhadores afro-americanos que deixaram o Sul na esperança de melhores condições de trabalho e de vida.

A propaganda de jornais simpatizantes da causa afro-americana, somado ao declínio da imigração européia proveu os afro-americanos com a oportunidade para o êxodo. Em 1916, as várias companhias de estradas de ferro do Norte passaram a recrutar mão-de-obra afro-americana para trabalhar em suas linhas. Tal surto migratório se estendeu até a década de 1960 quando, estima-se, mais de 6.5 milhões de afro-americanos deixaram o Velho Sul.

Todo e qualquer movimento migratório por si só provoca alterações sociais, tanto nos ambientes de partida, quanto nos de chegada. Aqui no caso, registra-se uma outra peculiaridade, ou seja, os afro-americanos saíam do meio rural no Sul para o meio urbano

no Norte, o que implicou na proletarianização dos migrantes e na conseqüente formação de guetos nas cidades nortistas.

Com isso, alterou-se o panorama econômico da nação americana que, com o advento da Primeira Grande Guerra se viu forçada a reajustar o seu mercado de trabalho, bem como a sua estrutura social com reflexos na problemática racial. James Grossman em seu estudo intitulado *Black Southerners and The Great Migration* pondera:

The migrants represent a crucial transition in the history of Afro-Americans, American cities, and the American working class. That transition was shaped by a complex interaction between structural forces in the South, the migration experience, structural forces in the North, racial attitudes, and the migrants' perceptions of each of these (1989, p.128).

Este movimento migratório trouxe importantes constatações do ponto de vista ideológico. Pela ótica afro-americana, ficou patente que os cidadãos de origem afro eram, também participantes da história na condição de agentes e não apenas como coadjuvantes, o que lhes dava poder de reação ante a opressão a que estavam submetidos no Sul e, portanto, seriam capazes de mudar o seu destino.

Já do outro lado da fronteira racial, o branco sulista começou a se ver ameaçado pela propaganda negativa de sua ideologia e que era propagada pelos migrantes. Além disso, o fator econômico se fez sentir, uma vez que a mão de obra passou a rarear no Sul. Desta forma, os brancos do Sul, marcadamente os latifundiários e donos das estruturas de poder, começaram a se organizar no sentido de conter o fluxo migratório.

As mudanças ideológicas ocasionadas pela *Great Migration* afetaram, não apenas os brancos da classe dominante, mas também os da classe média. E nem mesmo o homem de gênio como o escritor William Faulkner passou imune por tal experiência. Visando fugir do Mississippi para não ver o casamento de sua amada com outro, Faulkner toma o trem com

destino a New Haven em Connecticut para visitar um amigo. Durante a viagem, o escritor pôde testemunhar os aspectos e conseqüências da *Great Migration*.

Uma das principais descobertas de Faulkner foi os limites geográficos do racismo sulista. Ao cruzar o rio *Ohio*, a fronteira Norte do *Jim Crow South*, tanto Faulkner, quanto os migrantes constataram, pela primeira vez, os aspectos cotidianos de cidades que não eram norteadas pela hierarquização racial. O fato de brancos e afro-americanos poderem sentar-se lado-a-lado nos trens do Norte impressionou o escritor e os migrantes que jamais haviam passado por tal experiência antes. Segundo Cheryl Lester:

Although Faulkner did not comment on his experience of nonsegregated public transportation in the letters he wrote home from New Haven and Toronto in 1918, he does reflect on it in the Quentin section of *The Sound And The Fury* (1995, p.130-31).

A analogia que se infere entre a viagem de Faulkner para o Norte e a experiência de Quentin em Harvard acerca das diferenças no trato que as sociedades do Norte davam aos afro-americanos em comparação com a uniformidade da discriminação no Sul pode ser embasado na passagem de *The Sound And The Fury* contida na parte narrada por Quentin e apresentada abaixo:

But they felt heavy enough in the air. I didn't see the placard on the front. It was full, mostly prosperous looking people reading newspapers. The only vacant seat was beside a nigger. He wore a derby and shined shoes and he was holding a dead cigar stub. I used to think that a Southerner had to be always conscious of niggers. I thought that Northerners would expect him to. When I first came East I kept thinking you've got to remember to think of them as coloured people not niggers, and if it hadn't happened that I wasn't thrown with many of them, I'd have wasted a lot of time and trouble before I learned that the best way to take all people, black or white, is to take them for what they think they are, then leave them alone (*The S. And The F.*, p.105-106).

O extrato anterior apresenta as impressões de Quentin sobre a diferença de tratamento conferida aos afro-americanos no Norte e no Sul dos Estados Unidos e é um típico exemplo que demonstra o possível uso, por parte de Faulkner, da técnica desenvolvida por T. S. Eliot em *Three Voices of Poetry*, a qual consiste em lançar mão de um personagem para endereçar ao público determinada postulação que é própria dele poeta/escritor.

Feita esta ressalva de ordem estética, nota-se que Quentin estranhou a ausência, ou o grau zero de prática racial sulista, embora tal estranhamento não tenha sido acompanhado de uma mudança de comportamento por parte de Quentin em relação ao Outro, o afro-americano. Afinal, para um branco de classe média do Sul como Quentin, admitir uma mudança de atitude com base na experiência do Norte equivaleria a desafiar a sua própria identidade culturalmente construída como “superior”, o que lhe traria mais conflitos de ordem psicológica.

Pode-se dizer que Quentin sentiu angústia e a sua negativa em admitir os pequenos avanços dos nortistas na questão afro-americana equivaleria a aceitar o erro do *apartheid* sulista e que é parte da formação tanto de Faulkner, quanto de Quentin.

Na verdade, o próprio Faulkner admitiu em carta endereçada a seu pai que o tratamento dispensado aos afro-americanos pelos sulistas faziam os ex-escravos felizes e Faulkner negava, em 1921, que a causa da *Great Migration* eram os mal tratos a que os afro-americanos estavam submetidos no Sul. No entanto, o escritor mudou de postura e em 1929, ano da publicação de *The Sound And The Fury*, ele já demonstra maior compreensão com relação ao Outro e já concebe o racismo como uma das causas da *Great Migration*.

Em Fevereiro de 1958, Faulkner ponderou numa entrevista junto aos estudantes da Universidade da Virginia que: “this nation cannot endure containing a minority as large as

ten percent held second class in citizenship by the accident of physical appearance” (*F. At U.*, p.209).

Uma das grandes conseqüências da *Great Migration* foi o dismantelamento da estrutura das grandes *plantations* a partir de transformações de gênero, isto é, na medida em que empregadas afro-americanas aderiam à *Great Migration*, senhores e senhoras brancos não tinham como exercer as mesmas tarefas, nem exercer os rituais de identidade que reforçavam a “benevolência” que eles julgavam ter para com os afro-americanos. Consoante a visão de Cheryl Lester:

An outgrowth of change, this impasse gave rise among white Southerner males to what Raymond Williams defines as a new “structure of feelings”, that is, to inarticulate feelings of anxiety, dissatisfaction, and frustration (1995, p.138).

Com a ausência das servidoras afro-americanas, tanto os senhores, quanto as senhoras brancas se viram forçados a abrir mão de rituais de identidade que, por sua vez enfatizavam as “benevolências” de seu estilo *cavalier*. Aliás, esta “benevolência”, que era parte da estrutura comportamental do Velho Sul, manifestou-se no episódio em que Quentin se deparou com a menina na doceteria e que gerou um grande impasse na relação dele com o outro Outro, ou seja, a mulher. Tal impasse salienta a origem de uma nova estrutura de sentimentos nos homens brancos do Sul e essa estrutura comporta a inarticulação dos sentimentos de ansiedade, insatisfação e frustração.

*The Sound And The Fury* é uma obra que traz a relação da mãe com as dialéticas da identidade e da questão racial sulista. A personagem Dilsey cresce em importância na medida em que se manifesta como a “*black mammy*” (mamãe preta). Nessa condição, ela é, ao mesmo tempo a mãe substituta dos irmãos Compsons e o objeto ilícito de desejo sexual,

o que a coloca no centro da estrutura de sentimentos não articulados entre os brancos sulistas que viam na *Great Migration* uma experiência de perda e abandono.

Na mesma linha de raciocínio e conduta, Caddy é deslocada para o lugar da “*black mammy*”. Ela é a mãe provedora das necessidades de Benjy e alvo dos desejos sexuais de Quentin. Com isto, ela vive uma sexualidade que se assemelha a da mulher afro-americana e esta independência sexual simboliza uma iniciativa em maior escala da independência requerida pela mulher afro-americana que migrou do Sul.

Todas essas ligações entre a *Great Migration* e o amor maternal, bem como o desejo sexual e abandono faz com que se compreenda o porque Caddy representa uma figura de perda. Portanto, o fenômeno da *Great Migration* teve implicações na questão de gênero. Caddy, por exemplo, teve duplo papel nessa dinâmica. Por um lado, ela representa os sentimentos deslocados pela *Great Migration*, por outro, ela configura-se como uma estampa da mudança de papel atribuído à mulher naquele contexto social.

Quando Faulkner escreveu *The Sound And The Fury* e registrou a *Great Migration* na seção narrada por Quentin, ele não poderia ter imaginado que entre os anos de 1928 e 1942 aquele movimento migratório seria ladeado por dois outros grandes fenômenos sociais da história americana e que ficaram conhecidos como a *Great Depression and the Dust Bowl*. Desta forma, a ordem social racializada do Sul e sua resistência à transformação levaria algumas décadas mais para se esvaír.

Do ponto de vista teórico, o pós-colonialismo tem merecido destaque da atual crítica literária de língua inglesa a ponto de se constituir em voga. Embora, inicialmente, elaborada para ter as culturas dos países que galgaram sua independência política no decorrer do século XX como campo de atuação, a teoria pós-colonial se expandiu de maneira que passa a abarcar nações e períodos históricos cronologicamente mais afastados.



As abordagens sobre a obra de William Faulkner vistas por este prisma têm merecido atenção especial por parte da crítica especializada atual, razão pela qual não cessam as publicações.

Em *The Sound And The Fury*, a abordagem pós-colonial trouxe à tona o enorme fluxo migratório de afro-americanos do Sul para o Norte e Nordeste dos Estados Unidos, a questão tão presente na obra de Faulkner, fruto do processo de colonização interna que se assentou na exploração de muitos por alguns.

As transformações sociais pelas quais o Sul dos Estados Unidos estavam passando nas primeiras décadas do século XX são outras marcas do referido processo de colonização interna identificado pela obra prima acima mencionada e que, como outros aspectos do romance, caracterizam a obra como uma teia ficcional, histórico-social repleta de ingredientes psíquicos.

A crítica especializada procurou sempre focar os aspectos estéticos que fazem de *The Sound And The Fury* um dos mais celebrados romances do século XX, dentre as quais as decantadas técnicas do *stream of consciousness* e do *continuous present*. Mas, a obra contém aberturas que têm permitido aos críticos da pós-modernidade novos tipos de abordagem sobre a mesma, o que se tentou fazer no curso deste ensaio com o exame da Great Migration.

A análise da colonização interna, preconizada pela teoria pós-colonial nos mostra que, num cenário de desolação social onde a opressão se fazia presente, a solidariedade, o espírito fraterno e a expressão da sensibilidade se tornaram manifestações de resistência a uma ordem estabelecida que não levava em conta a possibilidade de interação com o Outro a partir de bases humanas de relacionamento.

## BIBLIOGRAFIA

- ASHCROFT, Bill & GRIFFITHS, Gareth & TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Theory*. London and New York: Routledge, 1989.
- BLOTNER, Joseph L. & GWINN, Frederick L. *Faulkner in The University*. Richmond: University of Virginia Press, 1957-58.
- BRADBURY, Malcolm. *The Modern American Novel*. New York: Longman, 1992.
- BRADBURY, Malcolm & RULAND, Richard. *From Puritanism to Postmodernism*. New York: Penguin, 1992.
- FAULKNER, William. *The Sound And The Fury*. New York: Vintage Books, 1929.
- GROSSMAN, James. *Land of Hope: Black Southerners and The Great Migration*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- McCLINTOCK, Anne. "The Angel of Progress: Pitfalls of The Term Post-Colonialism" In: *Colonial Discourse/Postcolonial Theory*. Manchester/ New York: Manchester U.P., 1994. p. 253-67.
- ROCHA, Luiz Carlos Moreira da. *As Literaturas de Língua Inglesa no Tempo e no Espaço*. Anais da 1º Semana de Estudos Interdisciplinares Anglo-Americanos. Duque de Caxias: Unigranrio Editora, 1999. Págs. 155-180.
- WEINSTEIN, Philip M. *The Cambridge Companion to William Faulkner*. New York: Cambridge University Press, 1995.